



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
CAMPUS MAZAGÃO
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO: CIÊNCIAS AGRÁRIAS E
BIOLOGIA**

**BRUNO BELO LIMA
FÁBIO DOS SANTOS DA SILVA**

**O PAPEL DA ESCOLA NA PREVENÇÃO DO SUICÍDIO JUVENIL: DESAFIOS
CONTEMPORÂNEOS**

**MAZAGÃO-AP
2020**

BRUNO BELO LIMA
FÁBIO DOS SANTOS DA SILVA

**O PAPEL DA ESCOLA NA PREVENÇÃO DO SUICÍDIO JUVENIL: DESAFIOS
CONTEMPORÂNEOS**

Trabalho apresentado à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II, do curso de Licenciatura em Educação do Campo: Ciências Agrárias e Biologia da Universidade Federal do Amapá, *Campus* Mazagão, como requisito para obtenção de nota de aprovação.

Orientador (a): Prof^a. Ma. Santana de Jesus
Miranda Melo

MAZAGÃO-AP
2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca do Campus de Mazagão da Universidade Federal do Amapá
Elaborada por Raildo de Sousa Machado, CRB2/1501

L732p Lima, Bruno Belo
O papel da escola na prevenção do suicídio juvenil : desafios contemporâneos / Bruno Belo Lima, Fábio dos Santos da Silva. – 2020.
1 recurso eletrônico. 56 folhas.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura em Educação do Campo – Ciências Agrárias e Biologia) – Campus de Mazagão, Universidade Federal do Amapá, Mazagão, 2020.

Orientadora: Professora Mestra Santana de Jesus Miranda Melo.

Modo de acesso: World Wide Web.

Formato de arquivo: Portable Document Format (PDF).

Inclui referências e apêndices.

1. Adolescentes – suicídio. 2. Suicídio – prevenção. 3. Educação – Mazagão – Amapá – Brasil. I. Silva, Fábio dos Santos da. II. Melo, Santana de Jesus Miranda, orientadora. III. Título.

Classificação Decimal de Dewey, 20. edição, 179.7

LIMA, Bruno Belo; SILVA, Fábio dos Santos da. **O papel da escola na prevenção do suicídio juvenil**: desafios contemporâneos. Orientadora: Santana de Jesus Miranda Melo. 2020. 56 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura em Educação do Campo – Ciências Agrárias e Biologia) – Campus de Mazagão, Universidade Federal do Amapá, Mazagão, 2020.

BRUNO BELO LIMA
FÁBIO DOS SANTOS DA SILVA

**O PAPEL DA ESCOLA NA PREVENÇÃO DO SUICÍDIO JUVENIL: DESAFIOS
CONTEMPORÂNEOS**

Aprovada em: 29/12/2020

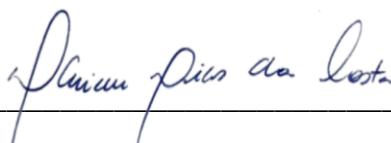
Banca Examinadora



Professora Mestre SANTANA DE JESUS MIRANDA MELO - Orientador



Professor Especialista DIORLANDO BRAGA - Avaliador



Prof.^a Dra. DANIELLE DIAS DA COSTA - Professor Avaliador

Dedico aos meus pais, pelo exemplo de coragem e simplicidade em suas conquistas, e com muito carinho me ensinaram a lutar pelos meus objetivos, e aos meus tios Edmundo e Helena Lúcia que foram uma das fontes de minha perseverança e a todos os meus colegas de curso que contribuíram para o meu crescimento e aprendizagem.

BRUNO BELO LIMA

Dedico ao meu pai e minha mãe que sempre acreditaram em mim e a todos aqueles que acreditam que uma educação de qualidade pode sim mudar o mundo

FÁBIO DOS SANTOS DA SILVA

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer, em primeiro lugar, a Deus, pela força e coragem durante toda esta longa caminhada.

Ao meu pai Jorge de Moraes Lima e minha mãe Erica Soares Belo, aos meus tios e a toda minha família que, com muito carinho e apoio, não mediram esforços para que eu chegasse até esta etapa de minha vida.

Aos amigos e colegas pelo incentivo e apoio constante, pelas alegrias, tristezas e dores compartilhadas.

Agradeço a minha professora orientadora Santana de Jesus Miranda Melo que teve paciência e que nos ajudou a concluir este trabalho, agradeço também aos meus professores que me ensinaram e que me mostraram o quanto estudar é bom.

Ao Curso de Educação do Campo: Ciências Agrárias e Biologia da Universidade Federal do Amapá, e às pessoas com quem convivi nesses espaços ao longo desses anos e que me ajudaram a crescer como acadêmico.

BRUNO BELO LIMA

Quero agradecer, em primeiro lugar, a Deus, pela força de vontade e perseverança durante todos esses anos.

Aos meus pais, irmãos, que me incentivaram a continuar meus estudos e a meu primo Robson que sempre consertava meu motor rabeta, ao nosso motorista do *Campus* Hernande Monteiro que sempre foi compreensivo e paciente.

Aos amigos e colegas do curso que nunca nos deixavam desanimar mesmo diante de todas as dificuldades.

Agradeço a minha professora orientadora Santana de Jesus Miranda Melo que aceitou esse desafio e que nos ajudou a perseverar, agradeço também a todos os meus professores que me ajudaram a ser quem eu sou hoje e a todos os funcionários que se tornaram meus grandes amigos.

Ao Curso de Licenciatura em Educação Do Campo da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), e às pessoas que nele se tornaram a minha família.

FÁBIO DOS SANTOS DA SILVA

RESUMO

A adolescência é uma fase de intensas transformações, marcada por conflitos internos e externos, portanto é um período particularmente vulnerável, no qual existe uma potencialidade acentuada de mudanças, mas também de desequilíbrio, em que os comportamentos suicidários atingem proporções alarmantes entre os jovens. O objetivo da pesquisa é analisar o papel da escola acerca da prevenção do suicídio juvenil entre 15 a 29 anos. A pesquisa foi realizada na Escola Estadual Dom Pedro I, localizada no Município de Mazagão no Estado do Amapá. O trabalho sustentou-se frente uma pesquisa de campo e a abordagem de pesquisa utilizada foi a qualitativa. Os sujeitos da pesquisa foram adolescentes entre 15 e 29 anos de idade. O instrumento para a coleta dos dados foi o questionário. Como resultado constatou-se que não é trabalhado a fundo a questão da prevenção do suicídio em sala de aula, assim como a escola Estadual Dom Pedro I não desenvolve ações políticas para a prevenção do suicídio juvenil, contudo os pedagogos e professores utilizam meios possíveis para alertar sobre o tema e detectar a possível causa ou problema, mesmo com todas as dificuldades devido a falta de cursos de formação continuada para os professores e a não inclusão do tema no Projeto Político Pedagógico da escola.

Palavras-chave: Escola, Suicídio, Jovens, Prevenção

ABSTRACT

Adolescence is a phase of intense changes, marked by internal and external conflicts, so it is a particularly vulnerable period, in which there is a marked potential for change, but also for imbalance, in which suicidal behaviors reach alarming proportions among young people. The objective of the research is to analyze the role of the school regarding the prevention of youth suicide between 15 and 29 years old. The research was carried out at Dom Pedro I State School, located in the city of Mazagão in the State of Amapá. The work was supported by field research and the research approach used was qualitative. The research subjects were adolescents between 15 and 29 years old. The instrument for data collection was the questionnaire. As a result, it was found that the issue of suicide prevention in the classroom is not fully addressed, just as the Dom Pedro I State School does not develop political actions for the prevention of youth suicide, however pedagogues and teachers use possible means to warn about the theme and detect the possible cause or problem, even with all the difficulties due to the lack of continuing education courses for teachers and the non-inclusion of the theme in the school's Political Pedagogical Project.

Keywords: School, Suicide, Young, Prevention

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 CONCEITOS E DEFINIÇÕES DE SUICÍDIO	11
3 PROCESSO HISTÓRICO DO SUICIDIO	12
3.1 Processos comportamentais de um suicida	13
3.2 Modelos explicativos do suicídio:	14
3.2.1 Modelo Psicológico	15
3.2.2 Modelo Nosológico	15
3.2.3 Modelo Sociológico	16
4 O PAPEL DA ESCOLA NA PREVENÇÃO DO SUICIDIO JUVENIL	17
4.1 Escola, família e a ciência da educação, Psicologia da Educação, como mecanismos de prevenção ao suicídio	17
4.2 Políticas antibullying nas escolas diminuem casos de suicídio	17
4.3 O papel do professor frente à prevenção do suicídio	18
5 METODOLOGIA DA PESQUISA	21
6 ANÁLISE, DISCUSSÃO E RESULTADOS DA PESQUISA DE CAMPO FRENTE O PAPEL DA ESCOLA À PREVENÇÃO DO SUÍCIDO NO MUNICÍPIO DE MAZAGÃO-AP: DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS	23
6.1 O trabalho pedagógico como componente essencial para as políticas de prevenção ao suicídio juvenil	23
6.2 O olhar docente e suas ações à prevenção do suicido ao jovem escolar ...	27
6.3 Análise dos resultados frente o olhar dos pesquisadores	31
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS	37
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	42
APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO DA PESQUISA DE CAMPO 1	43
APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO DA PESQUISA DE CAMPO 2	45
APÊNDICE D – QUESTIONÁRIO DA PESQUISA DE CAMPO 3	47
APÊNDICE E – QUESTIONÁRIO DA PESQUISA DE CAMPO 4	49
APÊNDICE F – QUESTIONÁRIO DA PESQUISA DE CAMPO 5	51
APÊNDICE G – QUESTIONÁRIO DA PESQUISA DE CAMPO 6	54
APÊNDICE H – FOTO DA ESCOLA ESTADUAL DOM PEDRO I	56

1 INTRODUÇÃO

A adolescência é uma fase da vida de intensas transformações, marcada tanto por conflitos internos e externos, físicas e emocionais na vida das pessoas, mudanças da puberdade, rupturas com a sociedade e a família estão presentes nesse período de transição e transformação, no qual são comuns conflitos provenientes da formação da identidade (ALVES, 2008, p. 9). De acordo com Cardoso (2016, p. 1) é nesta fase que o jovem começa a desenvolver um pensamento crítico, questionando-se sobre si próprio e sobre tudo o que o rodeia. É, portanto um período, no qual existe uma potencialidade acentuada de mudança e também de desequilíbrio, e por conseqüente o torna vulnerável, é nesse período que os comportamentos suicidários atingem proporções alarmantes entre jovens.

Muitos motivos são colocados como responsáveis pelo aumento do suicídio na adolescência, além disso, alguns adolescentes expressam as suas intenções suicidas em vários âmbitos sociais. Conforme Moreira (2015, p. 450) dentre os fatores relacionados à ideação suicida na adolescência estão incluídos os transtornos mentais, problemas pessoais e na família, comportamento do próprio jovem e dos amigos. Os fatores que mais se destacam como estopim do suicídio é a depressão, tristeza, solidão, desesperança, preocupação, ansiedade, baixa autoestima, violência física, falta de diálogo com os pais, sofrer abuso na escola, uso de drogas, tentativa de suicídio de conhecidos ou amigos, e ser do sexo feminino.

Os fatores que são comumente indicados como “fatores de risco” em relação a população juvenil são: problemas familiares, problemas nas relações com os colegas ou amigos e problemas na escola. São elencadas somente questões referentes às relações pessoais, ao âmbito privado, não considerando as relações sociais mais amplas. Nem sempre as ocorrências ou sinais passados na escola são necessariamente as que estão envolvidas na maior parte dos casos (são as dificuldades nas relações familiares que costumam ocupar essa posição); todavia, as relações escolares geralmente se encontram entre os fatores de risco bem como estão relacionadas a sua prevenção (NETO; SOUZA, 2015, p. 166).

De acordo com a Organização Pan-Americana da Saúde, o suicídio no Brasil entre os jovens de 15 a 29 anos, é uma das principais causa de morte no mundo (OPAS, 2016). O Amapá está entre os Estados com maiores índices de suicídio no País (PRODAP, 2018). Dados da Superintendência de Vigilância em Saúde (SVS)

apontam que no ano de 2018 foram registrados 59 óbitos por suicídio no estado do Amapá, representando um aumento de 27% em relação ao ano anterior. Em relação às tentativas de suicídio, os dados revelam aumento de 308%. Quanto aos municípios de residência, os óbitos por suicídio no período de 2014 a 2018 no Município de Mazagão, Amapá apresentou 7 casos de suicídio (SVS, 2018). Diante disso, surge a seguinte indagação: como a escola vem desenvolvendo ações frente à prevenção do suicídio entre os jovens de 15 a 29 anos?

O objetivo desse trabalho é analisar o papel da escola acerca da prevenção do suicídio juvenil entre 15 a 29 anos. Para dar conta desse objetivo será necessário verificar as práticas de intervenção pela escola diante a prevenção do suicídio juvenil, conhecer as ações docente frente ao enfrentamento e prevenção do suicídio e identificar a ocorrência de atos suicidas no âmbito escolar através da coordenação pedagógica.

O presente trabalho se justifica pela depressão e conseqüentemente o suicídio de alunos em escolas públicas. Há muitos fatores de riscos associados ao ato suicida tais como “a depressão maior, devido, em grande parte, a dificuldades no enfrentamento de frustrações pessoais, disfunção familiar, abuso sexual, maus tratos, bem como a não satisfação das necessidades básicas” (SCHLOSSER; ROSA, 2014, p. 138). A necessidade de detectar como que o suicídio é enfrentado pelos sujeitos envolvidos do corpo escolar, aprofunda a compreensão de problemas sociais mais recentes. Espera-se atrair a atenção para o tema e contribuir para novos estudos de enfrentamento a essa problemática. Além disso, as conclusões podem servir de base para outros estudos da área da saúde mental e educacional. Este trabalho parte da hipótese que as escolas públicas do município de Mazagão desenvolvem ações acerca da prevenção do suicídio juvenil.

O atual capítulo deste trabalho aborda as considerações iniciais a respeito do tema em questão, apresentando as propostas, problemática, objetivos, justificativas, hipóteses e sua delimitação para a realização da pesquisa.

O capítulo dois aborda um pouco sobre conceitos e definições do suicídio demonstrando a designação de diferentes autores, a fim de propor uma melhor compreensão sobre o tema.

Posteriormente, no capítulo três é descrito um breve histórico do suicídio mostrando como veio a se desenrolar ao longo dos séculos, também faz uma abordagem de três modelos explicativos sobre o tema.

No capítulo quatro é feita uma abordagem sobre o papel da escola na prevenção do suicídio juvenil, tratando de itens como a escola, a família, a educação, o *bullying* e o professor e como estes podem ajudar na prevenção de atos suicidas.

Já no capítulo cinco é detalhada toda a metodologia utilizada neste trabalho, o tipo de pesquisa, abordagem, método, análise, instrumentos técnicos, coleta de dados, delimitação e todos os materiais.

O capítulo seguinte tem como objetivo apresentar os dados de análise, discussão e resultados da pesquisa de acordo com alguns pontos traçados através do trabalho pedagógico, o olhar docente e suas ações sobre a prevenção do suicídio, e por fim a análise dos pesquisadores.

Por ultimo, no capítulo seis é abordado sucintamente às considerações finais sobre a pesquisa desenvolvida com base nos objetivos propostos, pontos positivos e negativos, os desafios encontrados, contribuições e sugestões relacionadas a este tema.

2 CONCEITOS E DEFINIÇÕES DE SUICÍDIO

Sobre os estudos da origem da palavra suicídio, foi no século XVII que etimologicamente o termo derivado do latim (*sui* = de si próprio; *caedere* = matar) apareceu pela primeira vez em textos ingleses, em substituição ao significado do homicídio de si próprio (BOTEGA, 2015, p. 21). Ainda conforme Botega (2015, p. 12) suas várias definições costumam conter uma ideia central, mais evidente, relacionada ao ato de terminar com a própria vida, e ideias periféricas, menos evidentes, relacionadas à motivação, à intencionalidade e à legalidade.

De acordo com Nagafuchi (2019, p. 124) os poderes institucionais sejam os conjuntos de leis romanas, a igreja católica ou a medicina, tinham poder e responsabilidade de dar a palavra final, geralmente atribuindo a causa a razões do suicídio que dizem respeito ao indivíduo. Contudo, Autores como Durkheim e Marx inscreveram seu entendimento na sociedade dando-lhes seus conceitos.

Sociologicamente Durkheim (2000, p. 11-14) em sua obra diz que, “o suicídio é, antes de tudo, o ato de desespero de um homem que não faz mais questão de viver.” Além disso, “chama-se suicídio todo caso de morte que resulta direta ou indiretamente de um ato, positivo ou negativo, realizado pela própria vítima e que ela sabia que produziria esse resultado”. Karl Marx (2006, p. 29) também define o suicídio, em que é um sintoma da desorganização social e das lutas de classes a partir de relatos e casos de suicídios.

Para Schopenhauer (2017, p. 439) o suicídio pode ser considerado uma experiência, uma pergunta que o homem coloca frente à natureza, pretendendo forçá-la a responder, a mudança que a existência e o conhecimento do homem experimentam através da morte. Já segundo Figueiredo (2001), o suicídio é um ato praticado por indivíduos na tentativa de solucionar ou eliminar problemas pessoais ou do convívio social. Por ter esta relação direta entre indivíduo e o meio social em que vive, o suicídio foi provido de diferentes representações e sentidos, atribuídos de acordo com cada meio cultural.

No contexto atual para aqueles que estudam os aspectos clínicos individuais, e que são analisados por especialidades da epidemiologia e a saúde pública definem o conceito de que “O suicídio é considerado um transtorno da saúde do indivíduo e analisado por profissionais relacionados à saúde mental e pelas diversas escolas de psiquiatria e psicologia” (RIBEIRO; MOREIRA, 2018, p. 1).

3 PROCESSO HISTÓRICO DO SUICÍDIO

O suicídio é um fenômeno de vários momentos históricos e que apresentou diversas definições acerca de seu entendimento. Conforme Santana *et al.* (2015, p. 27) no antigo testamento da Bíblia Sagrada existem relatos de casos de pessoas que tiraram a própria vida, figuras como Rei Saul, Sansão, Eleazar, entre outros. É importante ressaltar que em certas ocasiões essa atitude era considerada heroísmo.

De acordo com Botega (2015, p. 14) em dadas culturas primitivas, o suicídio era tido como sacrifícios através dos costumes tribais. Na Antiguidade greco-romana, era tido como pensamento racional e de direito pessoal. Na Idade Média, era tido como influência demoníaca. O suicídio transformou-se em dilema humano no século XVII. A partir da segunda metade do século XX, o entrelaçamento entre suicídio e transtornos mentais ocasionou sua prevenção no âmbito da saúde pública.

Se na Idade Média e no início da Era Moderna, o suicídio é visto como um crime que destituiu o suicida de seu patrimônio para a herança, além de o tornar excluído da sociedade vigente, há pensadores que tratam este tema de maneira mais ampla desde os séculos XVIII e XIX, apontando outras questões que são importantes na análise do suicídio, colocando-o como um problema que não diz respeito apenas ao indivíduo, mas sim, à sociedade, Marx e Durkheim são nomes sociológicos que defendem essa ideia (OLIVEIRA, 2016, p. 28).

Para Costa (2013, p. 8) os séculos XIX e XX revelaram o dever de viver, através do crescimento de títulos, artigos e comunicações nas áreas das ciências sociais, humanas e médicas, tentando explicar o suicídio em suas diversas manifestações buscando compreender as principais causas que levam a ocorrer e os meios que podem influenciar ao ato ou pensamento suicida.

Na contemporaneidade, o tema é considerado um problema de saúde pública, sendo uma das três principais causas de morte no mundo entre pessoas de 15 a 44 anos. A cada ano, aproximadamente um milhão de pessoas cometem suicídio no mundo e, no Brasil, cerca de vinte e quatro pessoas se matam por dia, e há a probabilidade de esses números aumentarem nas próximas décadas (OPAS, 2016).

A morte voluntária é um fenômeno de características próprias, em momentos diferentes na história, em concordância Silva (2009, p. 12) diz que o comportamento suicida sempre se fez presente podendo-se encontrar fatos ocorridos em todos os povos desde os tempos mais primitivos da humanidade. A forma de entender o ato é

que vem mudando com o tempo, em certas culturas vai ser incentivado, em outras, condenado como crime, em outras, tratado com indulgência, assim também como caso de saúde pública no período contemporâneo, dependendo das circunstâncias.

3.1 Processos comportamentais de um suicida

O suicídio é um ato claro e voluntário no qual o indivíduo tem consciência do que o seu ato deliberado pode gerar (ARAÚJO *et al.*, 2010, p. 48), alguns estudos científicos apontam a presença de possível grau de rigorosidade e de variedade entre as diferentes categorias de comportamento suicida. Dessa forma pode-se dizer que de um lado tem-se a ideação suicida (pensamentos, ideias, planejamento e desejo de se matar) e, no outro, o suicídio consumado, com a tentativa de suicídio e o ato em si consumado. (WERLANG *et al.*, 2005, p. 259).

O comportamento de um suicida deve ser analisado atentamente, pois apresenta uma complexidade de fatores, podendo variar desde a ideia de retirar a própria vida, que pode se manifestar por meios verbais e não verbais, até o planejamento do ato, a tentativa e, no pior dos casos, a morte do indivíduo (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2013, p.10).

De acordo com Marback e Pelisoli (2014, p. 123), a maior parte dos casos de suicídio é relacionado a emoções como depressão, ansiedade, desesperança ou experiências mal sucedidas, no entanto, a maior parte dos casos suicidas é de pessoas que tinham algum tipo de transtorno mental, a desesperança é um fator primordial para o início desses pensamentos desorganizados.

Hendin *et al.* (2006, p. 70), afirmam que quanto mais pronunciado o sentimento de desesperança mais elevado o risco do comportamento suicida, e com isso, esse sentimento passou a ser tomado como um marcador cognitivo de expectativas negativas em relação ao futuro, mais relevante do que o humor depressivo em si. O desespero foi o principal estado afetivo capaz de diferenciar as pessoas que cometem o ato suicida, junto com ele costuma haver outros afetos intensos e a percepção de que a vida entrou em colapso, de que a pessoa está sendo deixada de lado.

A combinação de desespero e desesperança acaba por levar à necessidade de um alívio rápido: a cessação da consciência para interromper a dor psíquica. Na crise suicida o estado de construção cognitiva não permite opções de ação para

enfrentar os problemas e a situação agrava-se dramaticamente quando a pessoa tem pouca flexibilidade para enfrentar adversidades e propensão à impulsividade (BOTEGA, 2015, p. 76).

Segundo Braga e Dell'Aglio (2013, p. 11): “A maioria dos estudos sobre suicídio menciona a depressão como um dos principais fatores de risco ao suicídio em todas as faixas etárias”. Abelha (2014, p. 1) caracteriza a depressão como a “progressiva perda de interesse e prazer pelas atividades, junto de uma baixa e destrutiva autoestima, em caso de não atenção o pior desfecho da depressão pode ser o suicídio”. Stopa *et al.* (2015) apontam como sintomas da depressão os sentimentos de tristeza, falta de confiança em si e nos demais, visões negativas sobre si e os outros (crenças disfuncionais), diminuição das atividades e interações sociais, insônia e suicídio.

Conforme Barros (2014, p. 30) “os elevados números de suicídios na adolescência estão relacionados com a dificuldade que os jovens têm em enfrentar as exigências sociais e psicológicas impostas pela fase de desenvolvimento em que se encontram”. Nesta fase o *bullying* é um dos principais problemas de crianças e adolescentes, causando dano físico ou psicológico, o impacto que gera na vítima é tão expressivo que faz dele um dos principais motivos de suicídios juvenil (KUCZYNSKI, 2014, p. 247).

3.2 Modelos explicativos do suicídio:

O suicídio mais do que um ato individual, tem inúmeras explicações e implicações sociais. Se as relações que o indivíduo mantém consigo mesmo, com a família, com os grupos e a sociedade podem ser determinantes para a conduta suicida, esta tem igualmente um profundo impacto social e psicossocial. O que leva a que não exista por si só uma teoria que explique a complexidade deste fenômeno (OLIVEIRA; NETO, 2003, p. 5).

A partir das buscas pela significação do suicídio foram surgindo alguns modelos explicativos, tais como o Modelo Nosológico, que associa o suicídio às doenças e/ou transtornos mentais; o Modelo Sociológico que apresenta o suicídio como tendo uma origem social, por afirmar que ele está diretamente relacionado ao grau de integração do indivíduo ao seu contexto social; e o Modelo Psicológico-

Psicanalítico que atribui o intento suicida ao instinto de morte e à agressividade autodirigida (COSTA, 2013, p. 11).

3.2.1 Modelo Psicológico

A psicologia se caracteriza como um campo amplo de conhecimento, dividindo-se em diferentes perspectivas teóricas, com bases epistemológicas distintas sobre o suicídio. Freud (1917, apud COSTA, 2013) publica a obra *Luto e Melancolia*, na qual explica essencialmente sobre o suicídio. Freud postula que assim como no processo de luto o indivíduo chora a perda do objeto amado, na melancolia o melancólico faz o luto do seu próprio eu. A intenção de cometer suicídio seria resultante do ato de virar contra si próprio de um impulso contra outro.

Uma explicação psicológica global do comportamento suicida é elaborada por Menninger (1938, apud CABRAL, 2015, p. 9) que em primeiro lugar, considera o suicídio uma forma particular de morte caracterizada por três desejos: o de matar, o de ser morto e o de morrer. Em segundo lugar, Menninger ampliou o conceito de suicídio para integrar a distinção de três tipos de suicídio: 1) o suicídio crônico que inclui comportamentos como o ascetismo, o martírio, o neuroticismo crônico e incapacitante, o comportamento antissocial e a psicose; 2) o suicídio focal, ligado a uma parte do corpo, apareceria nas automutilações, doença maligna, cirurgias múltiplas, acidentes, impotência e frigidez; e 3) o suicídio orgânico focaria componentes autodestrutivos, agressivos e eróticos da doença orgânica.

3.2.2 Modelo Nosológico

Outra concepção também apresentada é aquela que considera que o suicídio está relacionado com uma doença da qual decorrem alterações psicopatológicas, essas alterações podem ser abordadas como modelo nosológico (ROTHES, 2006, p. 60). De acordo com estudos que utilizam uma técnica de reconstrução diagnóstica, chamada autópsia psicológica, foi indicado que o transtorno psiquiátrico é um dos maiores fatores de risco para o suicídio (TURECKI, 1999).

O Ministério da Saúde (2006, p. 15) destaca os transtornos mentais psicológicos e condições clínicas incapacitantes como um dos principais fatores de risco para o comportamento suicida. No que se refere aos transtornos mentais, há

prevalência dos transtornos relacionados ao humor, seguidos por transtornos decorrentes do uso abusivo de substâncias psicoativas (ex: alcoolismo), transtornos de personalidade, transtornos de ansiedade e esquizofrenia; quanto às condições clínicas incapacitantes destacam-se: doenças orgânicas incapacitantes, dor crônica, neoplasias malignas e AIDS.

3.2.3 Modelo Sociológico

No começo da sociologia, o suicídio foi classificado por Émile Durkheim (1858-1917), autor de “O suicídio” (1897), como um fato social e que estaria presente em todas as sociedades humanas. Posteriormente, Durkheim classificou o suicídio como sendo uma anomia (desordem) social (VARES, 2017, p. 15). Durkheim consiste na teoria de que o suicídio apresenta uma ascendência social, apresentando-se então a desvendar essas causas, deixando para trás alguns fatores analisados, como as disposições orgânico-psíquicas, a raça e a hereditariedade e os fatores como o clima, a temperatura e as variações sazonais, entre outros (CÂNDIDO, 2010, p. 15).

Durkheim em seus estudos distingue que há quatro tipos de suicídio: 1) o suicídio egoísta que revelaria uma baixa integração social versus 2) o suicídio altruísta, que, por seu turno, dizia respeito a uma alta integração na sociedade; e 3) o suicídio anômico versus 4) o suicídio fatalista definidos como a baixa e a alta regulação na sociedade, respetivamente (SARAIVA, 2010, p. 3).

Há várias contribuições teóricas distintas sobre o suicídio, mas isso não obriga fronteiras rígidas entre as diversas disciplinas científicas existentes. Os vários contributos interdisciplinares têm evidenciado que os fatores psicológicos e sociais podem ter efeitos relevantes sobre os sistemas fisiológicos, mas, é possível admitir hoje que os estados de saúde e de doença incluem sempre interações significativas entre fatores individuais e ambientais (TAVARES, 2016, p. 14).

4 O PAPEL DA ESCOLA NA PREVENÇÃO DO SUICÍDIO JUVENIL

4.1 Escola, família e a ciência da educação, Psicologia da Educação, como mecanismos de prevenção ao suicídio

A prevenção do suicídio envolve uma gama de atividades, incluindo uma boa educação das crianças, aconselhamento familiar, tratamento de transtornos mentais, controle ambiental de fatores de risco, e educação da comunidade. A educação eficaz da comunidade, uma intervenção vital e básica, inclui o entendimento das causas do suicídio, assim como a sua prevenção e tratamento (OMS, 2006, p. 2).

A escola destaca-se pelo papel que exerce no desenvolvimento do interesse dos jovens pela vida e pelo mundo, e ressalta que essa instituição cumpre um papel ideológico de grande importância na reprodução do modo de produção vigente, ou seja, preparar as novas gerações para o trabalho, qualificando a força de trabalho de acordo com o pertencimento de classe desses indivíduos, respondendo às indigências do capitalismo, evitando que muitos jovens fiquem desamparados na sociedade e venham a sofrer sintomas depressivos (NETO; SOUZA, 2015, p. 174).

Através do campo de ação da saúde pública, o psicólogo pode interferir a partir do momento em que possui a qualificação eficiente para compreender o acontecimento e detectar fatores que levam ao risco do suicídio. Os profissionais vigentes desta área têm como suporte as publicações, de órgãos como o Ministério da Saúde, que ajudam o profissional a atuar de forma mais eficiente (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2013, p. 29).

4.2 Políticas antibullying nas escolas diminuem casos de suicídio

Entre os fatores relacionados com a ideação suicida encontrasse o *bullying*. Denominado como um tipo de violência apresentando-se entre pares em contexto escolar, ou mesmo nos arredores da escola e vizinhança, que deriva de *bully* que significa valentão, o que nos remete a vislumbrar a ideia de agressividade e conseqüentemente ao fato de vitimização, o que está correto, realmente trata-se de comportamentos agressivos exercidos por um indivíduo ou grupo de indivíduos sobre outro indivíduo ou grupo, fortificado através das desigualdades de poder, é realizado

intencionalmente e repetitivamente por longos períodos de tempo sem haver qualquer motivo ou razão aparente. (MENDONÇA, 2015, p. 27)

Os sintomas depressivos na população escolar entre crianças e adolescentes estão relacionados principalmente por danos sofridos pelo *bullying*, o que leva a diferentes sintomas da depressão e por consequente o ato de tirar a própria vida. Como é destacado por Maruco e Rampazzo (2017, p. 7):

Dentre as consequências psíquicas e comportamentais do *bullying* destaca-se a depressão, caracterizada pela tristeza persistente, ansiedade e sensação de vazio, sentimentos de culpa, insônia ou excesso de sono, dificuldades de concentração, sentimentos de desesperança ou pessimismo, perda de interesse em atividades que anteriormente despertavam prazer, ideias e tentativas de suicídio.

Conforme Barbosa *et al.* (2016, p. 216) implicações do *bullying* na autoestima e pressões na vida pessoal da vítima podem gerar o suicídio, pois ele é um fenômeno complexo que é determinado por diversos fatores. O adolescente em crise se encontra no meio de uma luta entre si e o meio social em que vive e, se esse equilíbrio entre ambos for alterado, a morte seria sua única saída.

O *bullying* está também nas mídias sociais denominado de cyberbullying este por sua vez utilizasse de tecnologias de informação e comunicação para divulgar mensagens, comentários, imagens e/ou vídeos de carácter íntimo da vítima, com o intuito de assediar, difamar e espalhar rumores (MENDONÇA, 2015, p. 27).

Uma forma de prevenir tais ideações seria a criação de ações de autoestima criados pela escola além de trabalhar estratégias preventivas e programas de promoção e educação para a saúde destes adolescentes não só para atender os seus alunos como a comunidade em geral até porque sabemos que o *bullying* não está presente só nas escolas, mas na sociedade como um todo (BERTI, 2010 p. 25).

4.3 O papel do professor frente à prevenção do suicídio

É no caos suicida que o adolescente se torna mais vulnerável e susceptível as novas relações contextuais de vida. Em um desses contextos encontra-se a figura do professor, a ele é reservado um papel fundamental. A partir dos conhecimentos sobre a temática do suicídio, o professor poderá ajudar o adolescente a descobrir

novas possibilidades no existir, ultrapassando assim seus sofrimentos. Ele representará assim um grande apoio para o adolescente (TEIXEIRA, 2001, p. 6).

O professor também pode contribuir de forma significativa no diagnóstico de depressão da criança, dependendo de seu preparo, será capaz de identificar sinais de alerta em jovens potencialmente suicidas, durante a aula ele pode perceber alguns sintomas da doença presentes no aluno, de acordo com (MARUCO; RAMPAZZO, 2017, p. 9).

Crianças e adolescentes podem dar indícios de que precisam de ajuda. O que os pais, professores e amigos devem ficar atentos diante das seguintes atitudes deles: - mudanças em sua personalidade; - ansiedade, agitação ou depressão; - queda no desempenho escolar; - perda de interesse em atividades que sempre gostaram de realizar; - isolamento da família e dos amigos; - frequentes comentários autodepreciativos; - desesperança quanto ao futuro, negativismo; - interesse em conversas sobre a morte, sobre pessoas que morreram; - falar de maneira clara ou implícita que têm vontade de morrer.

A fragilidade psicológica dessas crianças em aceitar/reconhecer suas próprias transformações que ocorrem nessa fase da vida, assim como em lidar com a diferença do outro, robustecem a necessidade de que os pais e os professores investiguem e reconheçam o sofrimento mental dessas crianças além de contribuir para a redução de sintomas que se fazem presentes no meio escolar e em seguida encaminha-lo ao tratamento psicológico e psiquiátrico para a manutenção de um ambiente escolar saudável (SOUSA GS *et al.* 2017, p. 3106).

Esses sinais e sintomas, muitas vezes, escapam da percepção e do entendimento das pessoas que os rodeiam, como seus familiares (TEIXEIRA, 2001, p. 6), ou seja, o bom convívio com os familiares, colegas e professores são fatores preventivos contra o suicídio. Porém alguns alunos se fecham e tudo se torna mais difícil e o professor tem que ser mais cauteloso, até porque é muito difícil quebrar essa barreira de indiferença e conseguir fazer com que o aluno se abra e fale do que está acontecendo consigo, tornando-se assim mais vulneráveis e expostos ao risco.

Os diálogos e conversas diárias são de suma importância para que o adolescente se expresse e mostre suas frustrações, a escola se torna o local perfeito para que o professor introduza tal tema, para que ele mesmo possa observar o comportamento e principalmente as informações que os alunos tem sobre o assunto. Nessa perspectiva segundo OMS (2000, p. 9):

O jovem terá menos oportunidades de se relacionar e se integrar em comportamentos suicidas, apresentando características como: integração social, bom relacionamento com colegas de escola, bom relacionamento com professores e apoio de pessoas competentes, fatores que levam a proteção e prevenção para que não haja a possível tentativa de suicídio e suicídio consumado.

Dessa forma podemos afirmar que o meio social em que os jovens se desenvolvem é o fator primordial, tanto para levar a caminhos suicidas como também para tira-los deste meio, com isso, o professor tem a responsabilidade de criar mecanismos de equilíbrio entre aluno e sociedade, para que se mantenham seguros em se expressar, sem que sejam constrangidos ou silenciados, havendo assim uma interação de ambas as partes. É como afirma Façanha *et al.* (2010, p. 3):

Evidências científicas demonstram que a prevenção pode ser conseguida através do envolvimento dos jovens em geral e, principalmente, daqueles que evidenciam situações de risco, em programas que promovam a autoestima e o desenvolvimento da capacidade de resolução de problemas; aumentar o conhecimento e a consciência das pessoas para a problemática do suicídio – uma estratégia fundamental da prevenção do suicídio passa por estabelecer com o adolescente em risco relação de confiança que permita a verbalização e exteriorização do sofrimento psicológico.

Quanto mais o adolescente conhece suas fraquezas e quanto maior for o sucesso do professor em restringir o acesso do aluno aos métodos autodestrutivos, menores serão as chances de suicídio, assim se tornarão mais confiantes a enfrentar seus problemas. Porém se faz necessário que todo esse processo seja cauteloso, pois, fatores sociais evidenciaram diferenças significativas nos desencadeantes do suicídio nas crianças e nos adolescentes. Estudos oriundos de autópsias psicológicas mostram intensos conflitos familiares em um contexto de transição de lar e de cuidados entre os pais, assim como a mudança, a suspensão ou os problemas escolares (SOUSA GS *et al.*, 2017, p. 3106).

5 METODOLOGIA DA PESQUISA

Este trabalho foi sustentado frente uma pesquisa de campo que segundo Marconi e Lakatos (2003, p. 186) “pesquisa de campo é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles”.

A abordagem de pesquisa utilizada foi a qualitativa que conforme Minayo *et al.* (2001 p. 22) “a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser quantificados”. Os sujeitos da pesquisa são adolescentes entre 15 e 29 anos de idade. A pesquisa foi desenvolvida na seguinte instituição escolar: Escola Estadual Dom Pedro I, localizada no Município de Mazagão no Estado do Amapá.

O método de pesquisa que orientou a coleta de dados, abordagem e técnicas baseia-se no método indutivo, “nesse método, parte-se da observação de fatos ou fenômenos, cujas causas se desejam conhecer” (GIL, 2008 p. 10).

A análise que possibilitou sustentação aos procedimentos técnicos nesta pesquisa foi análise de conteúdo que de acordo com Bardin (2011, p. 47), é designado como um conjunto de técnicas de análise das comunicações que é utilizado para obter, por meio de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens.

No primeiro momento a técnica utilizada para coletar os dados foi a técnica de observação que de acordo com Marconi e Lakatos (2007, p. 88) “A observação é uma técnica de coleta de dados para conseguir informações e utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste em apenas ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se deseja estudar”.

No segundo momento o instrumento técnico utilizado para coleta de dados foi o questionário que de acordo com Gil (2008 p. 121) pode-se definir questionário como a “técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento”. Ele pode ser feito com perguntas abertas ou fechadas e pode ser

misto. As abertas dão autonomia ao entrevistado possibilitando respostas mais ricas e variadas e as fechadas facilitam a tabulação e análise dos dados. O questionário apresentou um total de 10 perguntas direcionadas para os coordenadores e 8 perguntas direcionadas para os professores da respectiva instituição. Cada participante foi denominado por uma letra, os professores de A, B, C e D respectivamente e os pedagogos de A e B respectivamente.

As informações foram coletadas além de uso questionário, também sendo utilizada a oralidade abrangendo assim um maior número de informações. Para tal, os participantes tiveram disponível o acesso ao termo de consentimento livre e esclarecido para poderem participar. As informações foram sistematizadas e discutidas conforme os dados obtidos através da observação e questionário. Os materiais utilizados na discussão dos dados coletados foram livros e artigos científicos empregados no referencial teórico para fins de embasamento científico.

6 ANÁLISE, DISCUSSÃO E RESULTADOS DA PESQUISA DE CAMPO FRENTE O PAPEL DA ESCOLA À PREVENÇÃO DO SUÍCIDO NO MUNICÍPIO DE MAZAGÃO-AP: DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS

Os questionários foram analisados, categorizados e organizados em quadros. Serão apresentadas a seguir os Quadros 1 e 2, com as respostas dos pedagogos e repostas dos professores, seguidas respectivamente da sua discussão.

6.1 O trabalho pedagógico como componente essencial para as políticas de prevenção ao suicídio juvenil

Quadro 1 – Respostas dos pedagogos

Perguntas	Respostas	
	Pedagogo A	Pedagogo B
01 Tempo de atuação enquanto coordenador (a) pedagógico (a)	7 anos	7 anos
02 Grau e área de formação	Especialização	Especialização
03 Gênero	Masculino	Masculino
04 Tempo atuando como docente nesta instituição

05 Segmento que atua	Coordenação	Coordenação pedagógica
06 A escola tem registros de casos de suicídio nos últimos cinco anos?	Sim	Sim
07 Considerando a resposta da pergunta anterior, qual a idade, números de casos, gêneros e ano que ocorreu?	11 anos, 15 anos, meninas 2015 e 2017	11 anos em 2017/17 anos em 2015/15 anos em 2018
08 No Projeto Político Pedagógico da escola, há contemplação de ações a serem desenvolvidas frente a prevenção do suicídio no decorrer do ano letivo?	Não	Não
09 Cite as ações que a escola desenvolve para auxiliar seus alunos (as) frente a prevenção do suicídio	Palestras, orientações em mesa redonda, projetos, orientações educacional (núcleo de mediação).	Palestras, aulas específicas, abordagens direcionadas
10 Quais os desafios que você considera relevante à superar o suicídio na idade juvenil e qual o papel da escola diante desses desafios	Fazer com que o jovem consiga se abrir e o primeiro contato quase sempre é um colega ou um professor. A escola está sempre quebrando os desafios para prevenção desse problema.	Conseguir detectar o estudante. Usar estratégias de abordagem. Atuar na sensibilização da comunidade

Para obtenção das respostas sobre os pedagogos foram entregues 2 questionários, ambos participantes do sexo masculino, e eles se propuseram de imediato a contribuir na pesquisa para obtenção das informações pertinentes a escola. Com relação ao tempo de atuação tanto o A, quanto o B trabalham na instituição a 7 anos, ambos são especialistas e atuam na coordenação.

Quando perguntados se havia registro de casos de suicídio nos últimos cinco anos todos responderam que sim, porém quando questionados sobre a idade de números de casos, gêneros e ano que ocorreu divergências, o entrevistado A respondeu que havia 2 incidentes com meninas de 11 anos e de 15 anos ocorrido no ano de 2015 e 2017, entretanto não citou a ordem respectiva de ocorrência. De acordo com Mendonça (2015, p. 21) à ideação suicida e às tentativas de suicídio, ocorrem mais com o gênero feminino, principalmente após o período da puberdade, com uma probabilidade dez vezes maior de ocorrer tentativas de suicídio. Já o entrevistado B relatou a ocorrência de três casos de suicídio nos últimos cinco anos, com idades de 11 anos em 2017, 15 anos em 2018 e 17 anos em 2015, mas não ressaltou o gênero.

Outra questão foi se “No Projeto Político Pedagógico da escola, a contemplação de ações a serem desenvolvidas frente a prevenção do suicídio no decorrer do ano letivo?” a resposta “não” foi unânime, contudo quando solicitados a mencionar as ações que a escola desenvolve para auxiliar seus alunos (as) frente a prevenção do suicídio, as respostas foram bem amplas, pois o entrevistado A declara que há palestras, orientações em mesa redonda, projetos e orientações educacionais (núcleo de mediação), e o entrevistado B foi mais econômico citando o uso de palestras, aulas específicas, abordagens direcionadas, nesse sentido Teixeira (2001, p. 6) diz que:

Profissionais da educação e da saúde, familiares, precisam lidar com a questão do suicídio como algo real, evitando entrar na cumplicidade do silêncio que conduz à negação ou minimização do problema. Contrariamente, podem ser co-construtores de programas para o restabelecimento do adolescente que, num determinado momento, quis dizer adeus à existência. E se assim o fizesse, deixaria de continuar descobrindo as belezas de ser adolescente.

Na última questão sobre “Quais os desafios que você considera relevante à superar o suicídio na idade juvenil e qual o papel da escola diante desses desafios?” fez com que ambos os entrevistados pensassem diferente, mas não tão distante. A

resposta do entrevistado A foi: “fazer com que o jovem consiga se abrir”, segundo Maruco e Rampazzo (2017, p. 8) “muitos jovens ainda não estão preparados para encarar sozinhos estes desafios com independência. Sentem-se deprimidos, solitários, incompreendidos, levando a cometerem o suicídio” e o primeiro contato quase sempre é um colega ou um professor. A escola está sempre quebrando os desafios para prevenção desse problema. Neste sentido, é importante e indispensável, pensar em aspetos preventivos do suicídio, fortalecendo a crença que se podem oferecer aos indivíduos outras possibilidades de ultrapassar as dificuldades ou patologias que os conduzem a procurar no suicídio uma espécie de solução para seu sofrimento (CABRAL, 2015, p. 53). O entrevistado B foi um pouco além com a seguinte resposta “conseguir detectar o estudante, usar estratégias de abordagem, atuar na sensibilização da comunidade”.

Os programas de educação na escola podem ajudar os professores a aprender como identificar estudantes potencialmente suicidas, e a treinar os estudantes para a consciencialização de como podem ser úteis para os seus colegas com problemas. Os programas comunitários que se concentram na saúde mental positiva também são úteis para a prevenção do suicídio. Embora a sua eficácia pareça ser discutível, centros de crise e linhas telefónicas de emergência para o suicídio são centrais nos esforços de prevenção do suicídio em muitas comunidades. (OMS, 2006, p. 22)

Após o término da entrevista os pedagogos confessaram que é muito difícil detectar jovens potencialmente suicidas em meio a tantos alunos e que esse trabalho se torna ainda mais dificultoso pelo fato de que, eles ficam isolados dos alunos em uma sala tornando o contato com eles quase nulo.

Em meio às conversas um dos pedagogos diz que uma forma de detectar que seus alunos estão desestimulados e tendo algumas ideações com relação a tirar a própria vida ou como muitos dos seus alunos dizem “sumir”, seriam suas redes sociais observando seus “stories” e “status”, e conseqüentemente tentando dar apoio, através de incentivos, carinho e compreensão, tentando elevar a autoestima dos jovens.

6.2 O olhar docente e suas ações à prevenção do suicídio ao jovem escolar

Quadro 2 – Respostas dos professores

PERGUNTAS	RESPOSTAS			
	PROFESSOR A	PROFESSOR B	PROFESSOR C	PROFESSOR D
1. Tempo de atuação?	20 anos	27 anos	Mais de 20 anos	19 anos
2. Grau e área de formação?	Superior – Artes	Superior – Geografia e Bacharelado	Pós-Graduado em Filosofia	Superior – Licenciatura e Bacharelado – História
3. Gênero	Feminino	Masculino	Masculino	Masculino
4. Tempo atuando como docente na instituição?	20 anos	15 anos	15 anos
5. Segmento que atua	Ensino Médio	Ensino Médio Integral	Sala de aula/Filosofia	Sala de aula

<p>6. A prevenção do suicídio é trabalhada dentro de sala de aula?</p> <p>() Sim () Não</p>	<p>SIM</p> <p>A escola trabalhava com palestras, mas não de forma constante.</p>	<p>NÃO</p> <p>Não há preocupação do sistema e da escola no combate ao problema. Quando acontece ela é superficial e trata das causas e não a prevenção.</p>	<p>SIM</p> <p>Porém, não com conteúdo sugerido no curriculum. A abordagem se dá por circunstância ou pela natureza do assunto ministrado.</p>	<p>SIM</p> <p>Dialogando com os alunos, levantando questionamentos, apontando caminhos para a prevenção e orientação para pedirem ajuda. Todavia, não há um trabalho conjunto e contínuo.</p>
<p>7. Quais os desafios que você considera relevante superar frente o suicídio na idade juvenil e qual o papel do professor diante desses desafios?</p>	<p>Acredito que precisamos ficar mais próximos dos jovens e dos familiares para conhecer seus problemas. Olhar o jovem não somente como aluno e sim como pessoa.</p>	<p>Acredito que a falta de comunicação. Muitos casos de tentativas de suicídio chegou até a escola (coordenação), mas não é repassada aos professores e não há nenhuma estratégia de abordar o problema e prevenir.</p>	<p>Faze-los compreender a fase que estão vivendo, seu próprio dilema e principalmente valorizar a vida apesar dos problemas.</p>	<p>A falta de diálogo nas famílias, o distanciamento entre os responsáveis dos alunos e a escola, ausência de profissionais capacitados (psicólogos) nas escolas e inexistência de um trabalho contínuo.</p> <p>O professor precisa utilizar os meios possíveis e disponíveis ao seu alcance para trabalhar a autoestima dos alunos e estar atento a sinais que apontem a existência de um possível quadro depressivo.</p>

<p>8. A escola oferta cursos de formação continuada acerca da prevenção do suicídio juvenil? Justifique sua resposta.</p> <p>() Sim () Não</p>	<p>SIM</p> <p>Tivemos encontros que trataram deste tema</p>	<p>NÃO</p> <p>O que já ocorreu na escola foi uma palestra abordando o problema e não a prevenção. Mas formação continuada não faz parte do plano de ação da escolar.</p>	<p>NÃO</p> <p>Apenas propõe que os professores abordam a temática na própria atuação de sala de aula.</p>	<p>NÃO</p> <p>Embora tenha um papel muito importante e procure tratar o tema em várias ocasiões, a escola também necessita, para dar suporte a seus profissionais, ser alcançada pelas políticas públicas do Estado, que nem sempre dá a devida importância ao problema do período.</p>
--	---	--	---	---

Foram analisadas perguntas de 4 professores sendo 3 do sexo masculino e 1 do sexo feminino. Todos os docentes informaram estarem atuando a mais de 19 anos. O menor tempo de atuação como professor na instituição foi 15 anos, apenas um entrevistado não soube informar. Constatou-se que todos os professores tinham licenciatura e apenas dois possuíam bacharelado, tendo formação nas seguintes áreas, Artes, Geografia, Filosofia e História. Os principais segmentos de atuação dos docentes são Ensino Médio e Ensino Médio Integral.

Houve predomínio nas respostas relacionadas se “a prevenção do suicídio é trabalhada dentro de sala de aula?”, 3 concordaram que sim e apenas 1 respondeu não, porém todos contestaram de alguma forma que não é trabalhado a fundo a questão da prevenção do suicídio em sala de aula, pois não é constante e acontece de forma isolada pelos professores e o assunto só é abordado quando ocorre casos dentro da escola, dependendo da natureza ou das circunstâncias, tratando somente do caso e não da prevenção, tendo ainda em vista a falta de trabalho conjunto e contínuo.

Conforme Silva *et al.*, (2020, p. 7) quando a escola escuta sobre o tema do suicídio ela consegue falar sobre isso, identificar os fatores de risco, e mapear situações. Embora algumas pessoas pensem que se deve evitar falar sobre suicídio, discutir o assunto é atualmente considerado uma forma de prevenção. Abordar o tema direta ou indiretamente, sem julgamento ou até propor uma roda de conversa entre professores e alunos sobre questões de como lidar para vencer os momentos difíceis da vida é uma maneira de levar conhecimento e sentir como os adolescentes se sentem diante da temática.

Sobre a pergunta “quais os desafios que você considera relevante superar frente o suicídio na idade juvenil e qual o papel do professor diante desses desafios?”, constatou-se que a falta de comunicação e diálogo entre família, escola, e o acompanhamento de profissionais capacitados são alguns dos principais desafios a serem enfrentados na prevenção do suicídio juvenil, cabendo ao professor utilizar meios possíveis, seja pela aproximação do aluno e da família para detectar a possível causa ou problema, visando sempre a valorização da vida. Como afirma Teixeira (2001, p. 5):

Considerando a complexidade do problema do suicídio, e sabendo da existência de uma parcela da sociedade constituída de jovens e adolescentes que podem estar em um grupo de risco, é preciso conjugar

esforços para a realização de ações preventivas. Profissionais (médicos, psicólogos, terapeutas e professores) cujos saberes podem ser integrados necessitam implementar ações conjuntas, resgatando o potencial das redes existentes na família, na escola e na comunidade.

Em relação a pergunta “A escola oferta cursos de formação continuada acerca da prevenção do suicídio juvenil? Justifique sua resposta”, três professores responderam não e apenas um professor respondeu sim, embora todas as respostas deram a entender que a escola oferta apenas encontros e palestras e que tem papel muito importante procurando tratar o tema em várias ocasiões, não se tem suporte de políticas públicas aos profissionais, que nem sempre dão devida importância ao assunto.

De acordo com Ravelli *et al.* (2020, p. 11605) fornecer educação em saúde para a população escolar, especialmente para os professores e seus alunos é de grande importância, já que desta forma é possível sanar dúvidas sobre o ato suicida e estimular a busca pelo conhecimento e promoção da saúde mental. Além disso, durante o período escolar muitos fatores como desestruturação familiar, *bullying* e estresse podem influenciar no desenvolvimento do comportamento suicida ou levar ao próprio ato, o que faz com que seja de suma importância que os educadores saibam reconhecer logo no início os sinais de ideação suicida, tornando possível a realização de medidas cabíveis e necessárias para a prevenção do suicídio juvenil.

6.3 Análise dos resultados frente o olhar dos pesquisadores

A prevenção do suicídio no estudo em questão perpassa por motivos estruturais e políticos da escola como foi constatado pela falta de contemplação da temática da prevenção do suicídio juvenil no Projeto Político Pedagógico da escola, assim como não é oferecido aos professores cursos de formação continuada. A proteção dos jovens deveria e deve ser fator primordial a ser trabalhado em sala de aula e pelo corpo pedagógico, mas a ocorrência e as causas são quem mais se destacaram, tanto que Prado (2019, p. 10) afirma que “os estudos sobre os fatores de risco são mais comuns do que os fatores de proteção do comportamento suicida”.

A falta de diálogo e abordagem correta se tornou presente na fala dos entrevistados, a conversa, a aproximação seja ela com o jovem, a família e a escola, são grandes desafios para detectar jovens com potenciais suicidas. Por isso ao

abordar o tema numa conversa, palestras, ou rodas de conversa, sempre informe sobre quais são as formas de ajuda possíveis e como fazer isso. Além disso, informe também que se, em algum momento, o ouvinte perceber alguma identificação com o conteúdo do que está sendo falado ou pensar em outrem que pode estar em risco, que busque conversar ou procure por ajuda. É fundamental a divulgação e debate qualificado de informações acerca do assunto e elaborar um plano de estratégias de prevenção que envolva a família, alunos, professores e demais funcionários das escolas (PRADO, 2019 & SOUSA *et al.*, 2019).

A escola como local de prevenção do suicídio juvenil deve sempre passar por um trabalho conjunto, mas quando isso não ocorre o professor tem papel fundamental quando não se tem profissionais capacitados, pela inexistência de um trabalho contínuo e pela falta de comunicação, como foi nítido que alguns professores entrevistados utilizavam de meios possíveis e cabíveis a serem aplicadas em sala de aula, mesmo não tendo total compreensão sobre o assunto. O professor é sempre uma figura importante no que diz respeito à ação preventiva, por isso deve-se ter a atenção em possíveis comportamentos suicidas nos jovens educandos, que de acordo com Brito *et al.*, (2020, p. 60) envolve alguns pontos importantes como a identificação dos sinais de alerta, observados por meio da tristeza, isolamento do aluno e problemas familiares, tendo a automutilação como atitude suicida mais frequente no contexto escolar, a identificação do aluno em risco, a observação, a aproximação, o diálogo, o monitoramento e o suporte das redes de apoio como vínculos de amizade, acompanhamento profissional e familiar são essenciais para prevenção.

É possível observar nas respostas dos entrevistados uma similaridade a um “quebra-cabeça” de quatro vertentes que não se encaixam perfeitamente, pois ao mesmo tempo em que algumas ocasiões pareçam mais próximas de um lado, mas distantes se tornam de outra, uma dessas peças e a família citada como um dos elos mais importantes e quando há um desequilíbrio ou um rompimento de afetividade mais susceptível se tornam as ideias suicidas neste meio, o que nem sempre é verdade, pois de acordo com Krüger e Werlang (2010, p. 60) “(...) a presença da instabilidade familiar, do rompimento de relacionamentos sociais e do insucesso nos esforços para resolução de problemas nas famílias nem sempre traz como consequência o comportamento suicida”. Podendo assim cogitar as

características intrínsecas das famílias que se tornam ou não influenciadoras na presença do ato suicida.

Há também a vertente dos educadores que lidam diariamente com os alunos, mas que devem observá-los individualmente, porém como foi citada pelos entrevistados a parte mais complicada é quebra do silêncio e a ruptura de barreiras que distanciam aluno e educador, é muito difícil um aluno falar sobre o assunto com seus professores, é mais fácil abrir-se com um colega ou simplesmente guardar pra si, mas o que se vê nas entrevistas são profissionais que buscam soluções para esse problema mesmo sem o suporte da escola, e sempre quando podem desafiam seus alunos a falarem sobre o tema, tiram dúvidas e debatem entre si e em sala de aula sobre estratégias e abordagem objetivas e eficientes para prevenção do suicídio. Para Teixeira (2001, p. 12) dar oportunidade aos jovens de entender o processo pelo qual estão passando e estimulá-los a tomar decisões e a se sentirem capazes de lidar com seus próprios problemas são tarefas de todos os educadores.

Na terceira vertente estão os alunos que vivem tudo de forma intensa, além de viver um momento de transformações e sentimentos aflorados, nesse período confuso cheio de dúvidas, contestações e em meio a uma efervescência psicológica, o adolescente, quando não encontra suas respostas de forma sadia ou nem sequer chega a encontrá-las, pode voltar-se para uma conduta suicida (ABREU; SOUZA, 2017, p. 159). As redes sociais tornam-se uma das ferramentas na qual os jovens demonstrarem suas frustrações, seus sentimentos, suas alegrias e tristezas, o que segundo os pedagogos é uma janela pelo qual podem se aproximar de seus alunos transformando situações de desconforto em relações de confiança. Por outro lado, as mídias tornam essas pessoas mais vulneráveis e susceptíveis a pessoas má intencionadas. Ainda de acordo com o Abreu e Souza (2017, p. 164) não há como conter as mídias que se fortalecem e se mostram mais essenciais a cada dia. Sem implicar benefícios nem malefícios, acabam sendo prejudiciais quando são usadas de uma forma que reestrutura a realidade de quem usa tal ferramenta de maneira onipresente, baseando nela suas decisões.

A escola por fim relacionada como última vertente, é um local que por ser onde as crianças e os adolescentes passam parte considerável de seu tempo, torna-se um espaço no qual podem manifestar suas frustrações e condutas suicidas (NETTO; SOUZA, 2015, p. 173). Segundo os entrevistados a escola é um espaço de descobertas e também une jovens de várias idades e momentos diferentes da vida o

que causa confusões e conflitos de pensamentos, o que deveria facilitar no desenvolvimento integral e no entendimento acerca da preservação da vida as vezes acaba atrapalhando e excluindo jovens que não sabem exatamente o momento em que estão vivendo. É o lugar onde todos esses caminhos se entrelaçam, parece sem coerência dizer que nada disso se encaixa não por se distanciarem um dos outros, mas sim pelo fato de não terem o formato certo. Os autores Netto e Souza (2015, p. 167) ainda sugerem uma análise sobre todos os fenômenos que os cercam, o que permite refletir sobre a condição dos jovens nas instituições escolares e na sociedade contemporânea.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sobre os objetivos alcançados, em relação às práticas de intervenção pela escola diante a prevenção do suicídio juvenil, obteve-se além das respostas dos questionários, um bom diálogo com os coordenadores que estavam juntos no âmbito dos questionamentos, no qual foi verificado que a Escola Estadual Dom Pedro I não desenvolve ações políticas para a prevenção do suicídio juvenil, utilizando apenas de meios informativos e não preventivos, para isso o referencial teórico serviu de embasamento para analisar as respostas que foram suficientes para entender a situação do objeto de estudo, esclarecendo bem o objetivo proposto deste trabalho.

Ao buscar conhecer as ações docentes frente ao enfrentamento e prevenção do suicídio juvenil, foi evidenciado em todos os questionários com base nas análises, que os professores não recebem todo apoio necessário, mas utilizam meios possíveis para alertar sobre o tema e detectar a possível causa ou problema, mesmo com todas as dificuldades devido à falta de cursos de formação continuada e a não inclusão do tema no Projeto Político Pedagógico da escola, com isso o numero de entrevistados trouxe respostas significativas que atenderam bem ao objetivo proposto desta pesquisa.

Ao identificar a ocorrência de atos suicidas no âmbito escolar através da coordenação pedagógica, embora a coordenação não tenha passado dados concretos, a mesma informou três atos suicidas com divergências nos anos de ocorrência, que não interferiram na análise dos resultados, nos relatos os pedagogos repetiram exaustivamente as mesmas dificuldades, o distanciamento e isolamento entre eles e os alunos, o que dificulta bastante qualquer tipo de aproximação e identificação de algum indício de que o jovem necessite de ajuda, o que respondeu significativamente o objetivo proposto deste trabalho.

Sobre os pontos positivos ao longo da pesquisa, é importante destacar que maiorias dos entrevistados não tentaram omitir fatos relacionados à escola e que assim puderam responder todos os questionamentos a respeito da prevenção do suicídio juvenil. Outro ponto importante foi que toda a metodologia utilizada mostrou-se suficiente para esclarecer os objetivos propostos, por mais que a hipótese não tenha sido corroborada, foram obtidas muitas informações que podem favorecer o âmbito acadêmico. Já sobre pontos negativos, é veemente justo destacar a

colaboração de pessoas que aceitaram participar da pesquisa, mas não puderam responder por motivos maiores e a perda de contato com os mesmos.

São muitos desafios encontrados ao longo da pesquisa relacionados à prevenção do suicídio juvenil nas escolas, as políticas públicas precisam contemplar em específico na Escola Estadual Dom Pedro I e todas demais escolas que não estão inclusas este tema no Projeto Político Pedagógico, que isso seja o passo inicial para mudar o estado atual deste problema, juntamente com outro desafio que é a formação de professores para lidar com esses questionamentos em sala de aula. Vários estudos evidenciam que o professor tem papel fundamental na prevenção do suicídio juvenil e que políticas antibullying fazem parte de um conjunto de medidas de prevenção. Uma sugestão seria a inclusão de políticas antibullying correlacionado com a prevenção do suicídio juvenil. Novos estudos com grupos específicos podem ajudar a descobrir uma proposição de escala de risco, a fim de propor medidas de prevenção. É sempre importante preservar a vida, e que este trabalho sirva para ajudar nesta causa importante que é a prevenção do suicídio.

REFERÊNCIAS

- ABELHA, Lúcia. Depressão, uma questão de saúde pública. **Cadernos Saúde Coletiva**, v. 22, n. 3, p. 223–223, 2014.
- ABREU, Thales de Oliveira; SOUZA, Marjane Bernardy. A influência da internet nos adolescentes com ações suicidas. **Revista sociais & humanas**. v. 30, n. 1, 2017.
- ALVES, Gabriela Maciel. **A construção da identidade do adolescente e a influência dos rótulos na mesma**. 2008. 50 p. Monografia (Graduação em Psicologia) --Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC, Criciúma.
- AMAPÁ. Superintendência de Vigilância em Saúde do Estado do Amapá. **Alerta epidemiológico sobre óbitos por suicídio no Amapá**, Amapá, 2018.
- ARAÚJO, Luciene da Costa; VIERA, Kay Francis Leal; COUTINHO, Maria da Penha de Lima. Ideação suicida na adolescência: um enfoque psicossociológico no contexto do ensino médio. **Psico-USF**, v. 15, n. 1, p. 47-57, jan./abr. 2010
- BARBOSA, Ana Karoline Lôbo; PARENTE, Thereza Denise Luna; BEZERRA, Martha Maria Macêdo; MARANHÃO, Thércia Lucena Grangeiro. Bullying e sua relação com o suicídio na adolescência. **Rev. Psic.** v.10, n. 31. set-out, 2016.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 70 ed. São Paulo: Persona, 1977.
- BARROS, Sara Marques. **Violência nas relações de namoro juvenis e ideação e comportamentos suicidas**. 2014. 96 p. Dissertação (Mestrado em Medicina Legal) -- Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar da Universidade do Porto, Porto.
- BERTI, Fernanda Guerra. **Suicídio na adolescência: revisão bibliográfica**. 2010. 34 p. Monografia (Programa de Aprimoramento Profissional/SES) - Faculdade de Medicina de Marília, Marília.
- BOTEGA, Neury José. **Crise suicida: Avaliação e manejo**. Porto Alegre: Artmed, 2015, p. 12, 21.
- BRASIL, Ministério da Saúde. **Prevenção do Suicídio Manual dirigido a profissionais das equipes de saúde mental**, 2006.
- BRAGA, Luiza de Lima; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. **Suicídio na adolescência: fatores de risco, depressão e gênero**. Contextos Clínicos, v. 6, n. 1, jan-jun, 2013.
- BRITO, Mara Dalila Leandro de Sousa; SILVA JÚNIOR, Fernando José Guedes da; COSTA, Ana Paula Cardoso; *et al.* Comportamento suicida e estratégias de prevenção sob a ótica de professores. **Escola Anna Nery**, v. 24, n. 4, p. e20200109, 2020.
- CABRAL, Catarina Alexandra Abrunhosa. **Representações Sociais do Suicídio na Adolescência**. 2015. 102 p. (Projeto Final de Mestrado) - Escola Superior de Educação de Viseu, Viseu.
- CÂNDIDO, Sónia Nunes De Jesus Monteiro. **Cultura suicida no alentejo os factores promotores de ideação suicida e desesperança**. 2010. 88 p. Dissertação

(Mestrado em Psicologia) -- Universidade do Algarve Faculdade de Ciências Humanas e Sociais Departamento de Psicologia, Faro.

CARDOSO, Gabriela Tenreiro. **Comportamentos autolesivos e ideação suicida nos jovens**. 2016. 54 p. Dissertação (Mestrado Integrado em Medicina) -- Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, Portugal.

CONSELHO Federal de Psicologia. **O suicídio e os desafios para a psicologia**. 1 ed. Brasília: CFP, 2013.

COSTA, Joana. **Representações do Suicídio no Alentejo**. 2013. 70 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia)-- Universidade de Évora Escola de Ciências Sociais. Évora.

DURKHEIM, Émile. **O suicídio: Estudo de sociologia**. 1 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. 11-14.

FAÇANHA, Jorge Daniel Neto; ERSE, Maria Pedro Queiroz de Azevedo; SIMÕES, Rosa Maria Pereira; *et al.* Prevenção do suicídio em adolescentes: programa de intervenção believe. **SMAD. Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas**, v. 6, n. 1, p. 1, 2010.

FIGUEIREDO, Ricardo Vergueiro. **Da participação em suicídio**. Belo Horizonte: Del Rey, 2001.

FREUD, Sigmund Schlomo. **Deuil et mélancolie in métapsychologie**. Paris: Gallimard, 1917.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. ed. 3, São Paulo: Atlas S.A, 2008.

HENDIN, Herbert; HAAS, Ann Pollinger; MALTSBERGER, John T; *et al.* Problems in Psychotherapy With Suicidal Patients. **Am J Psychiatry**, p. 67–72, 2006.

KUCZYNSKI, Evelyn. Suicídio na infância e adolescência. **Psicologia USP**, v. 25, n. 3, p. 246–252, 2014.

MARBACK, Roberta Ferrari; PELISOLI, Cátula. Terapia cognitivo-comportamental no manejo da desesperança e pensamentos suicidas. **Revista Brasileira de Terapias Cognitivas**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 122-129, dez. 2014.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas S.A, 2003.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS. **Metodologia científica: Ciência e conhecimento científico, Métodos científicos, Teoria, hipóteses e variáveis**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 1991.

MARUCO, Fábila de Oliveira Rodrigues; RAMPAZZO, Lino. O suicídio no contexto escolar: o complexo e emergente fenômeno através do bullying e dos desdobramentos do jogo virtual baleia azul. *In*: SILVA, Américo Junior Nunes da (Ed.). **Educação: Agregando, Incluindo e Almejando Oportunidades 5**. 1. ed.

[s.l.]: Atena Editora, 2020, p. 136–151. Disponível em:
<https://www.atenaeditora.com.br/post-ebook/3515>. Acesso em: 11 ago. 2020.

MAX, Karl. **Sobre o suicídio**. São Paulo: Boitempo, 2006.

MENDONÇA, Flávio Valério Moniz. **Suicídio na adolescência**. 2015. 55 p. Artigo (Artigo de revisão área científica de psiquiatria) - Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, Coimbra.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 21 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MOREIRA, Lenice Carrilho de Oliveira; BASTOS, Paulo Roberto Haidamus de Oliveira. Prevalência e fatores associados à ideação suicida na adolescência: revisão de literatura. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 19, n. 3, p. 445–453, 2015.

NAGAFUCHI, Thiago. Um olhar antropológico sobre o suicídio: devir, formas de vida e subjetividades. **Revista M**. Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, p. 101-124, 2019.

NETTO, Nilson Berenchein; SOUZA, Terezinha Martins dos Santos. Adolescência, educação e suicídio: uma análise a partir da psicologia histórico-cultural. **Nuances: estudos sobre Educação**, Presidente Prudente-SP: v. 26, n. 1, p. 163-195, 2015.

OLIVEIRA, Alessandro Teixeira de. **O suicídio como resposta a uma imposição de desigualdade**. 2016. 61 p. Monografia (Graduação em História) - Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, Minas Gerais.

OLIVEIRA, Cleane S. de; LOTUFO NETO, Francisco. Suicídio entre povos indígenas: um panorama estatístico brasileiro. **Archives of Clinical Psychiatry (São Paulo)**, v. 30, n. 1, p. 4–10, 2003.

OPAS. **Suicídio**. 2016. Disponível em:
https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5671:folha-informativa-suicidio&Itemid=839. Acesso em: 08 de outubro de 2020.

ORGANIZAÇÃO Mundial da Saúde. **Prevenção do suicídio: Manual para Professores e Educadores**, Genebra: OMS, 2000.

ORGANIZAÇÃO Mundial da Saúde. **Prevenção do suicídio um recurso para conselheiros**. Genebra: OMS, 2006.

PRADO, Aneliana da Silva. **Vamos falar sobre suicídio? A prevenção no ambiente escolar**. Curitiba: IFPR, 2019.

PRODAP. **Aplicativo ‘SOS Vida Amapá’ ajuda a prevenir o suicídio e a pedir ajuda rapidamente**. 2019. Disponível em:
<https://www.prodap.ap.gov.br/noticia/0802/aplicativo-sos-vida-amapa-ajuda-a-prevenir-o-suicidio-e-a-pedir-ajuda-rapidamente>. Acesso em: 08 de out. de 2020.

RAVELLI, Ana Paula Xavier; FLORIANO, Lara Simone Messias; SKUPIEN, Suellen Vienscoski; *et al.* O papel da educação em saúde na prevenção ao suicídio. *In*: JESUS, Bruna Guzman de (Org.). **Série Educar - Volume 50 - Reflexões e**

Educação Inclusiva. [s.l.]: Editora Poisson, 2020. Disponível em: https://www.poisson.com.br/livros/serie_educar/volume50/Educar_vol50.pdf. Acesso em: 10 out. 2020.

RIBEIRO, José Mendes; MOREIRA, Marcelo Rasga. Uma abordagem sobre o suicídio de adolescentes e jovens no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 23, n. 9, p. 2821–2834, 2018.

ROTHES, Inês Maria Soares Areal. **Suicídio juvenil representações sociais dos médicos e dos psicólogos.** 2006. 180 p. Dissertação (Mestrado em Intervenção Psicológica com Crianças e Adolescentes) -- Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Portugal.

SANTANA, Crisley Buqueroni; CORREIA, Jânia Aparecida. A história da morte no ocidente e o contexto social como fator de risco para o suicídio. **Rev. Ambiente Acadêmico**, v.1, n. 2, p. 43-56, 2015.

STOPA, Sheila Rizzato; MALTA, Deborah Carvalho; OLIVEIRA, Max Moura de; *et al.* Prevalência do autorrelato de depressão no Brasil: resultados da Pesquisa Nacional de Saúde, 2013. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 18, n. suppl 2, p. 170–180, 2015.

SARAIVA, Carlos Braz. **Suicídio: de Durkheim a Shneidman, do determinismo social à dor psicológica individual.** *Psiquiatria Clínica*, [S.l.], v. 31, n. 3, p. 85-205, 2010.

SILVA, Desirê Aparecida Bueno da; VIEIRA, Flávio Henrique Marçal; FRANÇA, Thales; *et al.* Diálogo como prevenção ao suicídio entre adolescentes do Ensino Médio. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 8, p. 2-10, 2020.

SILVA, Maria do Carmo Mendonça. **Renúncia à vida pela morte voluntária: o suicídio aos olhos da imprensa no Recife dos anos 1950.** 2009. 143 p. Dissertação (Mestrado em história) - Universidade Federal de Pernambuco –UFPE, Recife, Pernambuco.

SCHOPENHAUER, Arthur. Sobre o suicídio. Tradução e notas de Rosana Jardim Candeloro. Griot, **Revista de Filosofia**, Amargosa, Bahia, v. 16, n. 2, p. 435-439. 439, dez, 2017.

SOUSA, Cyntia Meneses de Sá; MASCARENHAS, Márcio Dênis Medeiros; GOMES, Keila Rejane Oliveira; *et al.* Suicidal ideation and associated factors among high school adolescents. **Revista de Saúde Pública**, v. 54, p. 33, 2020.

SOUSA, Girliani Silva de; SANTOS, Marília Suzi Pereira dos; SILVA, Amanda Tabosa Pereira da; *et al.* Revisão de literatura sobre suicídio na infância. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 22, n. 9, p. 3099–3110, 2017.

TAVARES, Sofia. **Representações sociais do suicídio em futuras comandantes de polícia.** 2016. 94 p. Dissertação (Mestrado Integrado em ciências Policiais) - Instituto Superior de Ciências Policiais e Segurança Interna, Lisboa, Portugal.

TEIXEIRA, Célia Maria Ferreira da Silva. **A escola como espaço de prevenção ao suicídio de adolescentes – relato de experiência.** In: Simpósio de Estudos e

Pesquisas, X, 2001. Faculdade de Educação da UFG, de 27 a 28 de agosto, Goiânia.

TURECKI, Gustavo. **O suicídio e sua relação com o comportamento impulsivo-agressivo**, Genética, v. 21, out, 1999.

VARES, Sidnei Ferreira de. **O problema do suicídio em Émile Durkheim**, Revista do Instituto de Ciências Humanas, v. 13, n. 18, p. 13-45, 2017.

WERLANG, Blanca Susana Guevara; BORGES, Vivian Roxo; FENSTERSEIFER, Liza. Fatores de Risco ou Proteção para a Presença de Ideação Suicida na Adolescência. **Revista Interamericana de Psicología/Interamerican Journal of Psychology**, Porto Alegre, v. 39, n. 2, p. 259-266, 2005.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CAMPUS MAZAGÃO

CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO: CIÊNCIAS AGRÁRIAS E BIOLOGIA



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

**PESQUISA SOBRE: O PAPEL DA ESCOLA NA PREVENÇÃO DO SUICÍDIO JUVENIL:
DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS**

TÉCNICA OU INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS: QUESTIONÁRIO

Prezado(a) colaborador(a):

Somos acadêmicos da Universidade Federal do Amapá – UNIFAP e estamos realizando uma pesquisa educacional nas escolas estaduais do município de Mazagão-AP com tema, **O PAPEL DA ESCOLA NA PREVENÇÃO DO SUICÍDIO JUVENIL: DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS**, objetivando a finalização do nosso curso em licenciatura em Educação do Campo: Ciências Agrárias e Biologia, sob a orientação da professora Santana de J M Melo.

Para a realização desta pesquisa, necessitamos obter algumas informações a serem coletadas por meio de colocar a técnica de coleta de dados e suas características. Ex.: questionário contendo perguntas relacionadas ao tema, como você ou a instituição atende ao perfil e aos critérios de intervenção diante a prevenção do suicídio juvenil para esta investigação, seria extremamente importante contar com a sua colaboração, fornecendo estas informações. Para tanto, deixamos claro que as informações fornecidas serão recebidas e tratadas garantindo-se total sigilo e confidencialidade do fornecedor das respostas. Acrescentamos que o tempo estimado para a o fornecimento das informações é de aproximadamente (1 semana) e que, a sua participação é voluntária, podendo se recusar a fornecer as informações ou parar a qualquer momento.

Antecipamos nossos agradecimentos pela atenção e participação, ao tempo que colocamo-nos à disposição para quaisquer esclarecimentos por meio do telefone 96-991750867 ou do e-mail: brunobelolima19@gmail.com

Atenciosamente,

Bruno Belo Lima
Bruno Belo Lima

Sidnei da Silva Santos
Sidnei da Silva Santos

Fábio dos Santos da Silva
Fábio dos Santos da Silva

Sec. Esc. M.E. Dom Pedro I
Doc. 1768/2613 - GEA

Assinatura do(a) responsável pela Instituição

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO DA PESQUISA DE CAMPO 1



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ – UNIFAP
 CAMPUS MAZAGÃO
 CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

Questionário da Pesquisa de Campo

Prezados Coordenadores (as)!

Este questionário é o instrumento da pesquisa de campo do nosso Trabalho de Conclusão de Curso- TCC com a temática: **O PAPEL DA ESCOLA NA PREVENÇÃO DO SUICÍDIO JUVENIL: DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS.**

Para a realização da pesquisa, pedimos a vossa participação e compreensão frente nossa coleta de dados, ressaltando, a mais sigilosa identificação de vossa senhoria no processo. Assim sendo, agradecemos sua participação e, o nosso muito obrigado.

1 Tempo de atuação enquanto coordenador (a) pedagógica (o) (a) 7 anos

2 Grau e área de formação Especialização

3 Gênero Masculino () Feminino

4 Tempo atuando como docente nesta instituição _____

5 Segmento que atua Coordenação

6 A escola tem registros de casos de suicídio nos últimos cinco anos?

Sim () Não

7 Considerando a resposta da pergunta anterior, qual a idade, números de casos, gêneros e ano que ocorreu? 11 anos e 15 anos, meninas, 2015 e 2017

8 No Projeto Político Pedagógico da escola, a contemplação de ações a serem desenvolvidas frente a prevenção do suicídio no decorrer do ano letivo? () Sim Não

9 Cite as ações que a escola desenvolve para auxiliar seus alunos (as) frente a prevenção do suicídio Palestras, orientações em mesa redonda, projetos, orientação educacional (núcleo de mediação)

10 Quais os desafios que você considera relevante à superar o suicídio na idade juvenil e qual o papel da escola diante desses

desafios? Fazer com que o jovem consiga se abrir e primeiro contato quando sempre é um colega ou um professor. A escola está sempre quebrando os desafios para prevenção desse problema.

Mazagão, Fevereiro de 2020.

DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO

Após ter todas as informações e esclarecimentos necessários sobre a pesquisa e sua finalidade, eu Ronilda Rodrigues Mendes de Sousa, concordo em participar espontaneamente fornecendo as informações solicitadas.

Cidade: Maragão UF: AP, 10 de março 2020.

Ronilda Rodrigues Mendes de Sousa

Assinatura do(a) Participante da Pesquisa

APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO DA PESQUISA DE CAMPO 2



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ – UNIFAP
 CAMPUS MAZAGÃO
 CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO
Questionário da Pesquisa de Campo

Prezados Coordenadores (as)!

Este questionário é o instrumento da pesquisa de campo do nosso Trabalho de Conclusão de Curso- TCC com a temática: **O PAPEL DA ESCOLA NA PREVENÇÃO DO SUICÍDIO JUVENIL: DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS.**

Para a realização da pesquisa, pedimos a vossa participação e compreensão frente nossa coleta de dados, ressaltando, a mais sigilosa identificação de vossa senhoria no processo. Assim sendo, agradecemos sua participação e, o nosso muito obrigado.

- 1 Tempo de atuação enquanto coordenador (a) pedagógica (o) (a) 7 anos
- 2 Grau e área de formação Especialização
- 3 Gênero Masculino () Feminino
- 4 Tempo atuando como docente nesta instituição _____
- 5 Segmento que atua Coordenação Pedagógica
- 6 A escola tem registros de casos de suicídio nos últimos cinco anos?
 Sim () Não
- 7 Considerando a resposta da pergunta anterior, qual a idade, números de casos, gêneros e ano que ocorreu? 11 anos + em 2017 - 15 anos + em 2018
17 anos + em 2015
- 8 No Projeto Político Pedagógico da escola, a contemplação de ações a serem desenvolvidas frente a prevenção do suicídio no decorrer do ano letivo? () Sim Não
- 9 Cite as ações que a escola desenvolve para auxiliar seus alunos (as) frente a prevenção do suicídio palestras, campanhas, aulas específicas, abordagem direcionada.
- 10 Quais os desafios que você considera relevante à superar o suicídio na idade juvenil e qual o papel da escola diante desses desafios?
 * Conseguir detectar o estudante
 * usar estratégia de abordagem
 * fluir na sensibilização da comunidade.

Mazagão, Fevereiro de 2020.

DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO

Após ter todas as informações e esclarecimentos necessários sobre a pesquisa e sua finalidade, eu Eduar Medina Fuente, concordo em participar espontaneamente fornecendo as informações solicitadas.

Cidade: Mazagão /UF: , 10 de março 2020.

Eduar Medina Fuente
Assinatura do(a) Participante da Pesquisa

APÊNDICE D – QUESTIONÁRIO DA PESQUISA DE CAMPO 3



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ – UNIFAP
 CAMPUS MAZAGÃO
 CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO
Questionário da Pesquisa de Campo

Prezados Professores (as)!

Este questionário é o instrumento da pesquisa de campo do nosso Trabalho de Conclusão de Curso - TCC com a temática: **O PAPEL DA ESCOLA NA PREVENÇÃO DO SUICÍDIO JUVENIL: DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS.**

Para a realização da pesquisa, pedimos a vossa participação e compreensão frente nossa coleta de dados, ressaltando, a mais sigilosa identificação de vossa senhoria no processo. Assim sendo, agradecemos sua participação e, o nosso muito obrigado.

- 1 Tempo de atuação enquanto professor (a) 27 anos
- 2 Grau e área de formação Nível superior - (Geografia (Lic. e Bacharelado))
- 3 Gênero Masculino () Feminino
- 4 Tempo atuando como docente nesta instituição _____
- 5 Segmento que atua E ensino Médio Integral
- 6 A prevenção do suicídio é trabalhada dentro de sala de aula?
 () Sim (X) Não

Não há preocupação do Sistema e da Escola no combate ao problema. Quando acontece ela é superficial e trata das causas. Não aborda a prevenção.

- 7 Quais os desafios que você considera relevante superar frente o suicídio na idade juvenil e qual o papel do professor diante desses desafios?

Acredito que a falta de comunicações. Muitos casos de tentativas de suicídio chegam até a Escola (Coordenação) mas não é repassada aos professores. E não há nenhuma estratégia de abordar o problema e prevenir.

- 8 A escola oferta cursos de formação continuada acerca da prevenção do suicídio juvenil?
 Justifique sua resposta. () Sim (X) Não

O que foi ocorrido na Escola foi uma palestra abordando o problema e não a prevenção. Mas formação continuada não faz parte do plano de ações da Escola.

Mazagão, fevereiro de 2020.

DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO

Após ter todas as informações e esclarecimentos necessários sobre a pesquisa e sua finalidade, eu REGINALDO DA SILVA MONTEIRO, concordo em participar espontaneamente fornecendo as informações solicitadas.

Cidade: Magalhães /UF: AP, 10 de março 2020.

Reginaldo da Silva Monteiro

Assinatura do(a) Participante da Pesquisa

APÊNDICE E – QUESTIONÁRIO DA PESQUISA DE CAMPO 4



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ – UNIFAP
 CAMPUS MAZAGÃO
 CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO
Questionário da Pesquisa de Campo

Prezados Professores (as)!

Este questionário é o instrumento da pesquisa de campo do nosso Trabalho de Conclusão de Curso - TCC com a temática: **O PAPEL DA ESCOLA NA PREVENÇÃO DO SUICÍDIO JUVENIL: DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS.**

Para a realização da pesquisa, pedimos a vossa participação e compreensão frente nossa coleta de dados, ressaltando, a mais sigilosa identificação de vossa senhoria no processo. Assim sendo, agradecemos sua participação e, o nosso muito obrigado.

- 1 Tempo de atuação enquanto professor (a) 20 anos
- 2 Grau e área de formação Superior - Artes
- 3 Gênero () Masculino (x) Feminino
- 4 Tempo atuando como docente nesta instituição 20
- 5 Segmento que atua Medio
- 6 A prevenção do suicídio é trabalhada dentro de sala de aula?

(x) Sim () Não

A escola trabalha em palestras, mas não de forma constante.

7 Quais os desafios que você considera relevante superar frente o suicídio na idade juvenil e qual o papel do professor diante desses desafios?

credito que precisamos ficar mais próximo dos jovens e das famílias para cuidar seus problemas. Olhar o jovem não só como aluno e

8 A escola oferta cursos de formação continuada acerca da prevenção do suicídio juvenil?

Justifique sua resposta. (x) Sim () Não

Tivemos encontros que trataram deste tema

Mazagão, fevereiro de 2020.

DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO

Após ter todas as informações e esclarecimentos necessários sobre a pesquisa e sua finalidade, eu Euclélia Castelo Fernandes, concordo em participar espontaneamente fornecendo as informações solicitadas.

Cidade: Muzagão /UF: AP, _____ de _____ 20____.

Euclélia Castelo Fernandes

Assinatura do(a) Participante da Pesquisa

APÊNDICE F – QUESTIONÁRIO DA PESQUISA DE CAMPO 5



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ – UNIFAP
 CAMPUS MAZAGÃO
 CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO
Questionário da Pesquisa de Campo

Prezados Professores (as)!

Este questionário é o instrumento da pesquisa de campo do nosso Trabalho de Conclusão de Curso - TCC com a temática: **O PAPEL DA ESCOLA NA PREVENÇÃO DO SUICÍDIO JUVENIL: DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS.**

Para a realização da pesquisa, pedimos a vossa participação e compreensão frente nossa coleta de dados, ressaltando, a mais sigilosa identificação de vossa senhoria no processo. Assim sendo, agradecemos sua participação e, o nosso muito obrigado.

- 1 Tempo de atuação enquanto professor (a) 19 anos
 2 Grau e área de formação Superior - Licenciatura e Bacharelado - História
 3 Gênero Masculino () Feminino
 4 Tempo atuando como docente nesta instituição 15 anos
 5 Segmento que atua sala de aula
 6 A prevenção do suicídio é trabalhada dentro de sala de aula?

Sim () Não

Dialogando com os alunos, levantando questionamentos, apontando caminhos para a prevenção e orientação para pedir ajuda. Todavia, não há um trabalho conjunto e contínuo

- 7 Quais os desafios que você considera relevante superar frente o suicídio na idade juvenil e qual o papel do professor diante desses desafios?

A falta de diálogo nas famílias, o distanciamento entre os responsáveis dos alunos e a escola, ausência de profissionais capacitados (psicólogos) nas escolas e

- 8 A escola oferta cursos de formação continuada acerca da prevenção do suicídio juvenil?

Justifique sua resposta. () Sim () Não

Não. Embora tenha um papel muito importante e procure tratar o tema em várias ocasiões, a escola também necessita, para dar suporte a seus profissionais, ser alcançada pelas políticas públicas do estado, que nem sempre dá a devida importância ao problema do suicídio.

Mazagão, fevereiro de 2020.

VERCO
/p



7. Continuação

inesistência de um trabalho contínuo.

O professor precisa utilizar os meios possíveis e disponíveis ao seu alcance para trabalhar a autoestima dos alunos e estar atento a sinais que apontem a existência de um possível quadro depressivo.

DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO

Após ter todas as informações e esclarecimentos necessários sobre a pesquisa e sua finalidade, eu JOSEMAR DE SOUZA DA SILVA, concordo em participar espontaneamente fornecendo as informações solicitadas.

Cidade: MAZAGÃO /UF: AP, 19 de 02 2020.

Josemar de Souza da Silva

Assinatura do(a) Participante da Pesquisa

APÊNDICE G – QUESTIONÁRIO DA PESQUISA DE CAMPO 6



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ – UNIFAP
 CAMPUS MAZAGÃO
 CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO
Questionário da Pesquisa de Campo

Prezados Professores (as)!

Este questionário é o instrumento da pesquisa de campo do nosso Trabalho de Conclusão de Curso - TCC com a temática: **O PAPEL DA ESCOLA NA PREVENÇÃO DO SUICÍDIO JUVENIL: DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS.**

Para a realização da pesquisa, pedimos a vossa participação e compreensão frente nossa coleta de dados, ressaltando, a mais sigilosa identificação de vossa senhoria no processo. Assim sendo, agradecemos sua participação e, o nosso muito obrigado.

- 1 Tempo de atuação enquanto professor (a) MAIS DE 20 ANOS
- 2 Grau e área de formação PÓS-GRADUADO EM FILOSOFIA
- 3 Gênero Masculino () Feminino
- 4 Tempo atuando como docente nesta instituição 15 ANOS
- 5 Segmento que atua SALA DE AULA (FILOSOFIA)
- 6 A prevenção do suicídio é trabalhada dentro de sala de aula?
 Sim () Não

Porém, não com conteúdos sugeridos no currículo. A abordagem se dá por circunstâncias ou pela natureza do assunto ministrado

- 7 Quais os desafios que você considera relevante superar frente o suicídio na idade juvenil e qual o papel do professor diante desses desafios?

Fazê-loi compreender a fase que está vivendo, seus próprios dilemas e principalmente valorizar a vida apesar dos problemas

- 8 A escola oferta cursos de formação continuada acerca da prevenção do suicídio juvenil? Justifique sua resposta. () Sim Não

Apesar disso que os professores abordam a temática na própria aula de sala de aula

Mazagão, fevereiro de 2020.

DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO

Após ter todas as informações e esclarecimentos necessários sobre a pesquisa e sua finalidade, eu JOSÉ DA SILVA REIS, concordo em participar espontaneamente fornecendo as informações solicitadas.

Cidade: _____ /UF: _____, de _____ de 20____.

JOSÉ DA SILVA REIS

Assinatura do(a) Participante da Pesquisa

APÊNDICE H – FOTO DA ESCOLA ESTADUAL DOM PEDRO I

Fonte: Bruno Belo Lima (2020)